

Estratégias de Comunicação Missionária entre a Igreja Adventista do Sétimo Dia e Imigrantes Haitianos em São Paulo: Um Estudo de Caso.¹

Bernadete Alves de Medeiros MARCELINO

Esse artigo visa analisar as estratégias de comunicação missionária entre a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e os imigrantes haitianos em São Paulo. Essa reflexão surge como resultado de inquietações em torno de estratégias missionárias, por parte de alguns grupos evangélicos, para com imigrantes haitianos no Brasil. Entre as denominações observadas, decidiu-se estudar o trabalho que já vem sendo desenvolvido pela IASD. O método de pesquisa utilizado, consiste em levantamentos bibliográficos e pesquisa de campo, com entrevistas, fotos e participação em atividades realizadas pela instituição. Entre os autores e teorias abordados, darei ênfase a defesa do papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Haller Schunemann, e a sustentação da relação entre Língua e Religião no Haiti por Luiz Carlos Balga Rodrigues, entre outros. Tem-se averiguado que, nos últimos anos, e mais precisamente a partir da catástrofe que ocorreu no Haiti no ano de 2010, o movimento migratório haitiano no Brasil tem aumentado drasticamente. A escassez de políticas públicas que atendam plenamente a esta questão, têm gerado na sociedade civil – sobretudo através de diversos grupos religiosos – movimentos que, por meio de ações sociais têm atendido, ainda que em partes, as necessidades básicas de alguns desses imigrantes. Dessa forma, em alguns casos, acabam estabelecendo também, comunicação missionária entre eles. Muitos imigrantes haitianos se declaram evangélicos, e entre estes, adventistas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, inaugurou, no ano de 2014, um templo Adventista para haitianos na cidade de Porto Velho (RO), onde já pode contar com um número de 30 haitianos frequentes. Em São Paulo, eles também já iniciaram um projeto com esses imigrantes. Compreender as estratégias de comunicação missionária entre os Adventistas do Sétimo Dia e os imigrantes haitianos em São Paulo, torna-se um fator curioso e relevante dentro do atual e diversificado campo religioso brasileiro.

Palavras chave: Adventista; Comunicação Missionária; Imigrantes Haitianos;

(Este trabalho foi financiado pelo Fundo Mackenzie de Pesquisa)

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

Pensar em missões, demanda estratégias, que devem ser bem planejadas. No caso de muitas instituições evangélicas, apoiados no versículo Bíblico de São Mateus (28. 19 e 20)², em que Jesus teria ordenado aos seus seguidores fazerem outros discípulos propagando os seus ensinamentos, a estratégia missionária passa a ser, “um elemento-chave para o avanço do evangelho” (TUCKER, 2010, p. 533). A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), que declara ter como missão, “comunicar a todas as pessoas o evangelho eterno do amor de Deus”, se denomina proclamadora da reconciliação na morte de Cristo, do seu retorno, e da Lei dos Dez Mandamentos (ROSA, 2009, p. 10). White (2007, p. 57), escritora, “profetisa” adventista, e “fundadora” da instituição, ao escrever sobre missões, diz que o êxito que deve ser alcançado na “obra de Deus”, é possível, por meio de esforços coletivos. Considera-se que, tais esforços, podem ser observados em muitos membros adventistas, que incorporam o ato missionário em seu cotidiano, fazendo das orientações de Ellen G. Withe paradigmas para o seu “chamado”.

Tendo em vista a comunicação missionária da IASD, e sua atuação em diversos países, inclusive Brasil e Haiti, o artigo pretende apresentar, ainda que em partes, um pouco de suas estratégias de comunicação missionária, através de um estudo de caso entre imigrantes haitianos adventistas em São Paulo. Para abordar o assunto, apresentarei em linhas gerais, a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sua chegada ao Brasil, o Haiti e o haitiano adventista, sua imigração para o Brasil, e o atual projeto da IASD entre imigrantes haitianos em São Paulo.

1. A História da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi oficialmente estabelecida nos Estados Unidos, em 1863 (SCHUNEMANN, 2009, p. 148). Mas, mesmo antes dessa data, já se revelava por meio de um grupo declarado “sabatista”. O seu nascimento oficial se dá

² <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/53>> Visitado em 28/07/2015.

em decorrência de alguns fatos marcantes entre evangélicos durante o século XIX.³ Conforme Campos (2012, p. 117), Nesse período ganhou voz e popularidade entre os evangélicos, um pregador de origem batista, por nome de William Miller, que baseado em textos apocalípticos judaicos e cristãos, e mais precisamente livros de Daniel e Apocalipse, calculou e marcou a volta de Jesus, para 1843. Havia uma grande propagação, por parte de grupos religiosos evangélicos, de que Cristo voltaria, mas os Mileristas (seguidores de Miller), criam e pregaram que a volta de Cristo seria visível e pessoal. Criam também que, discussões como o sétimo dia (sábado), o estado dos mortos, e a nova compreensão que tinham das profecias, eram assuntos muito importantes. Esses temas foram fundamentais na constituição dos dogmas da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Em meados do século 19, o mundo experimentou um reavivamento religioso profético. Na América do Sul, o padre Jesuíta Manoel Lacunza escreveu um livro sobre a volta de Jesus. Na Europa, pregadores como o judeu Cristão Joseph Wolf também enfatizaram essa crença. Nos Estados Unidos, o pregador batista Guilherme Miller (1782-1849) foi quem deu grande impulso ao movimento Adventista. Em 1818, Miller, ao estudar a Bíblia, acreditou ter descoberto o dia da volta de Jesus Cristo. A data estava próxima para ele: 22 de outubro de 1844. A notícia se espalhou depressa e o movimento cresceu rapidamente. [...] mas a data chegou e nada aconteceu. (ROSA, 2009, p. 9, 10).

A profecia de Miller, que apontava para o retorno de Cristo, no dia 22 de Outubro de 1844, trouxe grande desapontamento, quando na data prevista para esse evento, não aconteceu o que esperavam. Consequentemente, muitos acabaram abandonando a fé. A “frustração tomou conta da maioria dos seguidores de Miller e de outros desses profetas”, mas alguns, rapidamente procuraram reinterpretar a “profecia” (CAMPOS, 2012, p. 117).

³ <<http://www.adventist.org/pt/informacoes/historia/artigo/go/0/a-igreja-adventista-do-setimo-dia-surgiu-a-partir-do-entusiasmo-religioso-do-seculo-19/>> Visitado em 01/05/15.

Dentre os que permaneceram na fé Milerista, alguns criam que, Cristo teria retornado de forma espiritual, outros porém, convencidos de que a data estava correta, entenderam que, apenas o evento estaria errado. Depois de alguns estudos das Escrituras Sagradas (Bíblia) por um grupo constituído de Joseph Bates, Hiram Edson, James Withe, John Andrews, John Loughborough e Urias Smithchegaram, procurando uma explicação para o que havia sucedido, chegaram a conclusão de que, naquela data, Jesus teria começado a última fase do seu ministério expiatório no santuário celestial. Ellen Gould Harmon, posteriormente chamada de Ellen G. White, até então, membro da Igreja metodista, teria tido uma “visão”, no mesmo ano, de um caminho reto e estreito ao céu, o que confirmaria uma hipótese que eles já tinham, de que no dia 22 de outubro de 1844, Jesus teria iniciado a última fase do seu ministério expiatório. Como fundadores da IASD, são apontados: James White, sua esposa Ellen G. White, e Joseph Bates (SCHUNEMANN, 2009, p. 149). Mas, Ellen G. White, além de fundadora do movimento, seria também, uma das grandes responsáveis por sua expansão.⁴ Rosa, pastor Adventista, ao escrever sobre o assunto, expõe o fato da seguinte maneira:

Em decorrência disso, o movimento se fragmentou em três grupos: um continuou a marcar novas datas; outro se tornou incrédulo; e o terceiro persistiu no estudo da Bíblia. Este último grupo concluiu que Miller estava certo quanto a data, mas que havia errado na interpretação da profecia, pois o santuário purificado naquela ocasião foi o do céu e não o da terra (Hebreus 9:22-24). Cristo passou do lugar santo para o santíssimo, no Céu, onde desde então intercede e julga o caso de todos os seres humanos. É desse último grupo que surgem personagens como G. White, uma das fundadoras da Igreja Adventista. (ROSA, 2009, p. 9-10).

White teria deixado vários escritos para orientação dos membros da Instituição. Entre esses escritos, estratégias missionárias eram estabelecidas, missões e ações

⁴ <<http://www.adventistas.org.pt/quemsomos/a-nossa-história>> Visitado em 03/05/2015.

sociais se relacionariam, e o negro, alvo de fortes preconceitos na época, e o estrangeiro, deveriam ser alcançados (WHITE, 2007).

A IASD, com ênfase no bem-estar, relações sociais, saúde e cura de enfermidades, passou a auxiliar necessitados, atuando por meio de ações solidárias através de seus membros e da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA). “Atuam em todo o mundo junto a comunidades, organizações e governos. Na América do Sul, são mais de 13 mil postos de Ação Solidária Adventista”. Mantem creches em bairros carentes de cidades como São Paulo, Rio e Salvador. Oferecem instrução musical, atividades manuais, e alimentação. Crianças maiores (7 a 12 anos), também são alcançadas, descreve Rosa (2009, p. 21 e 33).

Oficialmente a ADRA existe desde novembro de 1956, tendo surgido nos Estados Unidos. Mas seu “DNA” remonta a 1890, nos bairros periféricos de Chicago, quando uma série de programas assistências começou a ser implantado pela Igreja Adventista. O poder de mobilização cresceu e consolidou sua força operacional de modo que na 1º e na 2º Guerras Mundiais voluntários se reuniram para enviar suprimentos a regiões devastadas pelo conflito. (...) Atualmente, a ADRA é uma das principais organizações não-governamentais no mundo. (...) Na América do Sul, a ADRA concentra suas atividades em cinco áreas ou componentes principais, que são: Segurança Alimentar, Saúde Primária, Educação Básica, Desenvolvimento Econômico e Gestão de Emergências. (ROSA, 2009, p. 30)

O trabalho de assistência aos necessitados da IASD, passou a se fazer presente em diversos países. Campos (2012) alega que a origem de um novo movimento religioso, e sua expansão por novas terras, só é possível se houver pontes culturais, ou ao menos certas semelhanças, oferecendo sentido para a vida de pessoas distantes e diferentes. Com relação a IASD, argumenta que a pregação Adventista sobre o “fim do mundo”, a volta de Jesus, o juízo final, o arrebatamento dos fiéis, e a derrota dos poderes do mal, adquire força entre pobres e sofredores. É possível considerar que, tais fatores poderiam justificar o seu crescimento em alguns países, mas torna-se relevante observar também, a possibilidade da soma destes fatores àqueles relacionados aos seus

programas assistencialistas. De qualquer forma, Schunemann (2009), expõe que, apesar da pequena “expansão adventista em números de conversos” até o início da primeira Guerra Mundial, nesse mesmo período, a IASD se estabeleceu em diversas partes do mundo. Hoje, está presente em muitos países, entre os quais, diversos são pobres, e tem como característica o fato de que, parte da população imigra para os países “centrais”. Nesse caso, a sobrevivência de sua mensagem apocalíptica em países ricos, seria sustentada por imigrantes adventistas de Terceiro Mundo. Entre os inúmeros países alcançados pela IASD, destacamos o Brasil.

2. A Chegada da Igreja Adventista do Sétimo Dia ao Brasil.

Quando a IASD nasce nos EUA, alcança alguns imigrantes, e entre eles, alemães que ao se converterem ao adventismo, retornam para o seu país de origem no intuito de pregar a sua fé. Com a imigração alemã para o Brasil no século XIX, chega também a fé adventista, que durante anos é sustentada apenas entre alguns desses imigrantes alemães. Seyferth (2005, p. 19) alega que no início da imigração alemã, os imigrantes se concentravam em grupos familiares, isolando-se dos brasileiros. Apesar desse isolamento inicial, imigrantes alemães adventistas, posteriormente, acabaram difundindo a sua fé pelo País. Em 1895, na cidade de Santa Catarina, funda-se então, a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia brasileira.

O caso da expansão da IASD no Brasil é significativo visto que encontramos basicamente as diversas formas de intersecção. A primeira relação que encontramos foi a inserção da IASD no Brasil através da comunidade alemã. Aqui nesse caso os conversos eram boa parte nascidos no país, mas mantinham ainda total identidade com a cultura alemã. Nesse caso, assim como na Argentina, Uruguai e Paraguai, a presença de comunidades alemãs eram ligadas a uma mentalidade religiosa protestante. Embora, a mensagem da IASD fizesse crítica ao protestantismo de seus dias, a grande questão é que a reivindicação era de serem os verdadeiros continuadores da reforma protestante. A liturgia e a doutrina adventista no momento estavam intimamente ligadas ao protestantismo de forma que era natural o acesso e a conversão desses grupos. No caso do Brasil essa vantagem inicial se demonstrou posteriormente uma barreira, uma vez que esse grupo

mantinha sempre uma hostilidade maior a elementos da cultura brasileira. A presença do imigrante alemão nesse caso foi um fator importante devido a maior proximidade de mentalidades. (SCHUNEMANN, 2009, p.166)

A Mensagem pregada pela IASD, de certa forma, oferecia atratividade, devido vir de “uma cultura relativamente mais favorável”. Ao passar dos anos, a instituição foi crescendo no País. Sua expansão ocorreu principalmente em São Paulo, na capital. Uma de suas estratégias missionárias no Estado, constituía-se na utilização de tendas para o evangelismo público em bairros periféricos. Nesse caso, tendo em vista inicialmente, migrantes nordestinos. Fator que resultou na continuidade do seu crescimento e na abertura de inúmeras outras congregações (SCHUNEMANN, 2009). Com sua rápida expansão, não só em São Paulo, mas em todo o Brasil, a sede administrativa da IASD para toda a América do Sul, foi então estabelecida, em Brasília, Distrito Federal. Onde está até hoje, podendo contar com inúmeros templos e membros, espalhadas por todo o País (Rosa, 2009, p. 10). O seu crescimento porém, não se deteve apenas ao Brasil, a IASD cresceu em inúmeros outros Países, e entre eles o Haiti. País que, no ano de 2008, com uma população de 9,1 milhão de pessoas, já contava com mais de 328 mil haitianos adventistas (ADVENTIST WORD, 2010, p.7).

3. O Haiti e o Haitiano Adventista

Um dos fatores que desperta a curiosidade de muitos brasileiros com relação a cultura haitiana, pode ser decorrente da maciça presença dos imigrantes haitianos no Brasil a partir do ano de 2010. Antes mesmo de falar sobre o fenômeno migratório que envolve o imigrante haitiano e o Brasil, quero me ater, ainda que de forma sucinta, ao Haiti e, ao haitiano e sua cultura, e a partir dela compreender, um pouco, a forma de viver e ser do haitiano, com ênfase na identidade do haitiano adventista.

O Haiti, está “situado na parte oeste da Ilha de Hispaniola, da qual ocupa cerca de 35% (mais precisamente 27.750 Km²). É a segunda maior ilha das Antilhas, logo atrás de Cuba” (RODRIGUES, 2008, p.66). Considerado o país “africano por

excelência”, do negro, do *vodu*, do tambor, do *créole* (língua também falada no país), das *cayes* (casas típicas), é também, o país da revolução de negros e escravos contra padrões brancos, marco de liberdade, independência e orgulho dos haitianos (GRONDIN, 1985, p. 10,11). A cor da pele, e a língua falada, são fatores de diferenciação no país.

Não se pode esquecer que, assim como a cor da pele, a língua continua sendo no Haiti um fator decisivo de diferenciação. A elite se recusa há muito tempo a empregar, fora do meio familiar, uma língua falada pelas massas analfabetas. Prefere utilizar o francês, ainda que um pouco “*démodé*”, transmitido por padres bretões nas escolas de Porto-Príncipe e muito pouco atingido por crioulistas. A maioria da população que não frequenta escolas – ou então frequentam as escolas cujos professores não dominam o francês – não tem acesso ao francês. (RODRIGUES, 2008, p.83)

A sociedade é basicamente formada por duas camadas visíveis e antagônicas. De um lado camponeses pobres e analfabetos, e do outro negros e mulatos escolarizados e modelados pelo ocidente. O “abismo entre o pobre e o rico, entre o rural e o urbano é tão profundo que não existem mais possibilidades de se tecer uma ponte entre os dois mundos” (RODRIGUES, 2008, p.171).

De acordo com Grondin (1985), o *vodu* é o meio de conservação dos valores africanos desse povo, reunindo rituais, músicas, tambores, e nomes de divindades africanas. Aspectos culturais, que acabaram escapando às integrações que haviam sido impostas pelo colonialismo. Além disso, o papel exercido pelo sacerdote do *vodu*, atende a diversas expectativas da população, como: confessor, médico, juiz, e conselheiro individual, coletivo, político e financeiro. Sua prática foi combatida no país por muito tempo, e hoje se manifesta principalmente por meio do sincretismo com ritos católicos (JOSEPH, 2014). Porém, segundo Rodrigues (2008), tal sincretismo com o *vodu*, não é característico dos haitianos “declarados protestantes”. Nesse caso, incluímos os haitianos adventistas.

Para melhor compreendermos a situação do vodu no contexto social do país, seria interessante ver como se produziu o encontro entre o vodu e o protestantismo. As seitas protestantes (aliás inúmeras no Haiti: batistas, adventistas, metodistas, pentecostais) se mostraram desde o início de uma intransigência total e exigiram para a conversão dos adeptos uma rejeição total e explícita do vodu. É suficiente no Haiti se dizer protestante para provar que se vive totalmente afastado do vodu.(RODRIGUES, 2008, p.161)

Ao abordar a identidade do haitiano adventista, juro necessário destacar a posição de Seyferth (2005, p. 21) ao retratar que, existem diferentes formas de apropriação das noções de identidade. Nesse caso, compreendemos “como identidade o sentimento de pertencer a uma tradição religiosa, a uma nacionalidade, a um grupo étnico ou linguístico, etc” (RODRIGUES, 2008, p. 25). Woodward (2013, p.19 e 56) alega que, a “cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”, e ainda, que as “posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”. No Haiti, como já abordado anteriormente, além da língua “crioulo”, o vodu, é também um outro aspecto cultural fundamental (RODRIGUES 2008, p 194) que se destaca, exercendo a sua “força” na sociedade. O que nos leva a reflexão de que, a prática do vodu está implícita na identidade cultural do haitiano. Por outro lado, se nos atermos ao fato de que, as relações sociais estabelecidas pelo protestantismo no país se opõe veemente ao vodu, propagando seus ideais entre parte da população, será possível considerar que, existe o haitiano declarado protestante, que assume uma identidade subjetiva específica, diferente daquela moldada por sua própria cultura. Sendo assim, com base na concepção apresentada por Rodrigues (2008, p.161), de que no Haiti, basta “se dizer protestante para provar que se vive totalmente afastado do vodu”, e ainda, no convívio com o grupo de haitianos adventistas em São Paulo, é possível considerar que, apesar de seu contexto cultural, a identidade assumida pelo haitiano adventista é, de fato, caracterizada pelo afastamento as práticas do vodu.

4. A Imigração Haitiana para o Brasil

No ano de 2010, o Haiti sofreu drasticamente, um terremoto de magnitude 7.0 na escala Richter, que deixou mais de 200 mil mortos. Esse acontecimento agravou a possibilidade de trabalho no país, assim como a política, a alimentação, as condições de higiene e saúde, e a educação, fragilizando ainda mais a economia do país (COTINGUIBA, 2014). Torna-se relevante porém, destacar que, o discurso midiático que justifica a imigração haitiana para o Brasil, partindo apenas da catástrofe de 2010 é discordado, pois apesar do caos trazido pelo acontecimento, ainda é cedo para afirmar quais os reais motivos da imigração haitiana para o Brasil (ALESSI, 2013, p. 84). Nesse contexto, inúmeros fatores podem ser analisados, como: a instabilidade política do Haiti, sua economia pouco desenvolvida, as decorrentes catástrofes naturais enfrentadas pelo País, a visibilidade do Brasil, oportunidade de trabalho, expectativa de uma vida melhor, entre outros (COTINGUIBA, 2014, p. 86). Alessi (2013) alega também que, a aproximação do haitiano com a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti), que tem o Brasil como líder da missão de paz no País, seria um outro fator a ser considerado nesse cenário.

Em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da ONU criou a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti), por meio da resolução 1542, para restaurar a ordem no país após um período de crise política que culminou com a deposição do então presidente Jean-Bertrand Aristide. O Brasil foi apontado pela ONU como líder dessa missão com objetivos pacificadores no Haiti. [...] Os oficiais do exército brasileiro na MINUSTAH, que há muito trabalhavam no país, intensificaram ainda mais as relações e trabalhos após a tragédia. Inúmeros são os relatos de cidadãos haitianos que aprenderam o português e se aproximaram dos brasileiros durante todo esse período. O que pode ser percebido em relatos jornalísticos é que este intenso convívio despertou o interesse e simpatia do povo haitiano, que tem visto no Brasil não somente um sinônimo de ajuda, mas sim de oportunidade” (ALESSI, 2013, p.82, 83)

Pouco tempo depois da catástrofe de 2010, “o então presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, realizou uma visita ao país”, e “declarou apoio humanitário e

disposição para prestar acolhimento aos cidadãos haitianos que desejassem migrar para o Brasil” (COTINGUIBA, 2014, p. 86, 87 *apud* SILVA, 2012). A partir dessa declaração, o fluxo imigratório de haitianos para o Brasil foi iniciado.

A presença dos primeiros imigrantes haitianos no Brasil foi registrada, inicialmente no estado de Mato Grosso do Sul, na divisa com a Bolívia. Iniciou-se, assim, um fluxo migratório que se intensificou em 2011, em outros locais de entrada, nas fronteiras do Brasil com a Bolívia e o Peru, pelas cidades de Brasiléia e Assis, no estado do Acre e no Amazonas, pela cidade de Tabatinga. (COTINGUIBA, 2014, p. 87)

Alessi (2013, p. 83) expõe que alguns entram de forma ilegal no País. Nesse caso, a viagem “é longa, de alto custo e feita em condições subhumanas.” O trajeto envolve a República Dominicana, a passagem por países como Equador e Peru, até a chegada ao Amazonas e Acre.

Cotiguimba (2014, p. 69 e 71) considera que, para os haitianos, migrar não é fato novo e “já levou milhões deles a deixarem o país rumo a outros, especialmente os Estados Unidos, numa tradição que lançou suas bases ainda no século XIX, além do vizinho, a República Dominicana”. Deixam a família para trás, e trazem a expectativa de um emprego e de uma vida melhor. Quando chegam ao Brasil, se deparam com um “imaginário brasileiro” que traz a ideia de que o haitiano é um “voduísta”, maléfico que espeta bonecos, quadro que tem sido desmistificado a partir de pesquisas mais detalhadas sobre tais imigrantes.

5. Projeto da IASD com Imigrantes Haitianos em São Paulo: Suas Estratégias de Comunicação Missionária. (Um Estudo de Caso)

A pesquisa de campo apresentada, é parte de um Projeto, que busca compreender as estratégias missionárias da IASD com imigrantes haitianos em São Paulo. Em Rondônia, a Igreja inaugurou no ano de 2014, o primeiro templo adventista

para haitianos no Brasil, o qual até então, contava com um grupo de 30 pessoas. Em São Paulo, a Instituição também iniciou um “projeto” com esses imigrantes, o qual tenho acompanhado há alguns meses.

Esse grupo de imigrantes haitianos, se reúne desde o dia 06 de junho de 2014, e teve inicialmente 50 participantes. Nesse “projeto”, como assim denomino, eles se reúnem para “cultuar” todos os sábados pela manhã no bairro da Liberdade em São Paulo. Hoje, o grupo já pode contar com cerca de 100 integrantes. O espaço cedido para os seus encontros, pertence ao colégio Adventista, que fica ao lado do templo da IASD. O grupo é formado em sua maioria por homens “jovens”, e algumas mulheres.

A “Escola Sabatina”, como chamam, é ministrada em francês, utilizando-se de uma revista trimestral de estudos bíblicos. Os cultos são ministrados em crioulo, porém os cânticos do hinário também são em francês. O culto tem uma liturgia bem estabelecida, começo, meio e fim. Sempre iniciam com uma chamada a adoração, leitura bíblica, cânticos e oração. Em seguida vem a ministração da palavra, o hino final e a oração final. São muito alegres, e receptivos. Gostam de cantar, e cantam bem. Os homens estão sempre vestidos de social, e as mulheres não usam joias ou maquiagem, e em sua maioria, estão sempre com vestidos bem comportados. Nos cultos, a mulher também participa na arrecadação da oferta e ministra orações. Eles não têm um pastor haitiano, e portanto, o responsável pelo grupo é o mesmo pastor da instituição brasileira local.

Em todos os cultos que estive presente haviam visitantes. Em sua maioria adventistas que estavam chegando ao Brasil. Outros, porém, eram haitianos não evangélicos ou de outras denominações, convidados por integrantes do grupo.

Hesselgrave (1995) ao falar sobre comunicação missionária em um contexto cultural diferente, expõe:

O comunicador missionário deve encarar a cultura com a máxima seriedade. Uma vez que os receptores decodificarão a mensagem dentro da estrutura da realidade fornecida pela própria cultura deles, o missionário precisa codificar sua mensagem tendo em mente essa realidade. Sob o aspecto daquela parte da cultura com que ora nos

ocupamos, a comunicação da maioria das pessoas está circunscrita à perspectiva gerada por sua própria cosmovisão. (HESSELGRAVE, 1995, p. 218).

Nesse caso específico, entre a IASD e imigrantes haitianos em São Paulo, como o comunicador missionário é o próprio haitiano adventista, a mensagem transmitida acaba se enquadrando na “cosmovisão cultural” do “receptor”, evitando-se conflitos de ordem relacionadas a compreensão do que está sendo propagado. No início da pesquisa, o grupo havia trabalhado com um projeto denominado “Um mais um”, onde cada haitiano adventista se incumbia de levar um outro haitiano para participar de seus cultos. A evangelização do imigrante haitiano, que acontece por meio do próprio haitiano adventista, de forma planejada ou não, acaba se estabelecendo como uma estratégia de comunicação missionária.

A IASD local já ofereceu cursos de língua portuguesa, e almoços coletivos, mas não é uma regra estabelecida. Foi possível verificar que, muitos integrantes do grupo estão empregados, e alguns alegam não necessitar da ajuda da Igreja. Em geral, o grupo se reúne somente para estudos bíblicos e cultos. Acredito ser relevante destacar que, apesar da IASD ter um forte programa de ação social no Brasil, no caso das estratégias missionárias entre imigrantes haitianos em São Paulo, essas ações ainda são pouco observadas. O artigo apresentado, constitui-se uma pequena parcela da pesquisa que vem sendo realizada com esse grupo de imigrantes haitianos, e abre espaço para outras pesquisas relacionadas ao tema.

6. Considerações Finais

Como podemos observar no decorrer do artigo apresentado, a IASD vem crescendo desde o seu nascimento, e no Brasil tem sua História marcada pela imigração. Seu alcance a diversos países, inclusive Haiti, se deu pelo fator missionário presente na instituição que se vê no dever de anunciar o “fim do mundo”, a volta de Jesus, o juízo final, o arrebatamento dos fiéis, e a derrota dos poderes do mal. As estratégias de

comunicação missionária com imigrantes haitianos em São Paulo, “conscientes ou não”, torna-se uma alternativa para alcançar um grupo que vem crescendo a cada dia no Brasil. É possível que outras estratégias surjam nesse percurso, e alguns imigrantes haitianos que não foram alcançados pela instituição no Haiti, acabem sendo alcançados aqui no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALESSI, Mariana Longhi Batista. **A imigração de Haitianos para o Brasil**. Conjuntura Global, Curitiba, v. 2, n.2, abr./jun., 2013, p. 82-86.

ADVENTIST WORD. **Orgão Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia**. [S.I.: s.n.] v. 6, nº 11, Nov. de 2010. p.7 Disponível em <http://portuguese.adventistworld.org/images/2010-1011/2010-1007_de11.pdf> Acesso em 07/07/15.

CAMPOS, Leonildo Silveira. (Org). **Religiões Populares e Novos Cenários Culturais: Rupturas e Continuidades**. São Paulo: Editora Reflexão, 2012.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração Haitiana Para o Brasil: A Relação entre Trabalho e Processos Migratórios**, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Rondônia, 2014.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti: Cultura, Poder e Desenvolvimento**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1985.

HESSELGRAVE, David J. A. **Comunicação Transcultural do Evangelho**. Volume 2. São Paulo: Vida Nova, 1995.

JOSEPH, Jean Anel. Evangelização Hoje: **Cruzamento entre a Religiosidade Popular e o Sincretismo do Vodou no Haiti**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. v. 8, nº13. Jan/Jun, 2014, p.70-90. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/download/19723/14604> – Acesso em 02/06/2014.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, Crioulo e Vodou: A relação entre Língua e Religião no Haiti**, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

ROSA, Edson (Org). **Esperança Viva: Nossa Missão é Servir**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

SEYFERTH, Giralda. “**Imigração e (Re)construção de Identidades Étnicas**”. In: NETO, Helion P; FERREIRA, Ademir P. (orgs.) *Cruzando Fronteiras Disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Ravan, 2005. Pt 1, p. 17-34.

SCHUNEMANN, Haller E. S. **O Papel das Imigrações no Crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 23, nº 37, 2009.

TUCKER, Ruth A. **Missões Até os Confins da Terra: Uma História Biográfica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

WHITE, G. Ellen. **Serviço Cristão: Como Servir a Deus com Prazer e Alcançar Resultados**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WOODWARD Kathryn. **Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL Stuart; WOODWARD Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SITES:

<<http://www.adventist.org/pt/informacoes/historia/artigo/go/0/a-igreja-adventista-do-setimo-dia-surgiu-a-partir-do-entusiasmo-religioso-do-seculo-19/>> Visitado em 01/05/15.

<<http://www.adventistas.org.pt/quemsomos/a-nossa-historia>> Visitado em 03/05/2015.

<<https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/53>> Visitado em 28/07/2015.